

Turismo de natureza

A ideia não é só viajar por um Brasil diferente, é mais viajar pelo Brasil de uma maneira diferente: a quatro patas, em cima de um cavalo ou de uma égua. Porque, lá do alto, a cerca de dois metros acima do chão, o enquadramento da paisagem ganha outra dinâmica, outro encanto. A cavalo chegamos a sítios onde de outra forma não chegaríamos. A cavalo vencemos distâncias em silêncio, embrenhamo-nos na natureza sem ela dar por isso.

No Brasil havia cavalos (é lá que está o 3º maior rebanho equino do mundo), mas não havia muitas cavalgadas organizadas, especialmente para quem chegava de fora. A pensar nesse potencial - aliado a paisagens que poucos olhos estão habituados a ver -, a empresa Cavalgadas Brasil começou a juntar algumas pontas soltas, há cerca de três anos. Objectivo: criar um projecto turístico equestre para toda a gente, cavaleiros experientes e iniciados, que permitisse conhecer o país de norte a sul, do litoral ao interior. Deixando para trás o corriqueiro passeio de feira, houve que estudar percursos mais longos, garantir condições de segurança e formar guia.

Em meia dúzia de dias viajamos por dois estados do sul. Cavalgamos



na serra (Santa Catarina), na planície, nas margens de lagos e na praia (Rio Grande do Sul). Seis dias, quatro cavalgadas. Pouco tempo para tanto Brasil.

Na Serra do rio do Rastro

Começar na cidade uma viagem que promete cavalgadas em paisagens onde são raras as marcas de civilização tem as suas vantagens. Florianópolis, em particular a parte da cidade que fica na ilha de Santa Catarina, não é um lugar de se fugir a sete pés. Muito pelo contrário. Estão lá as praias de areia branca e fina. As dunas-montanha. Os lugarejos típicos. As sombras à beira-mar onde nos deliciamos com ostras. O verde da floresta que reclama um lugar ao lado de cada prédio, de cada casa. Mas não é preciso muito tempo até percebermos que, por mais verde, por mais árvores, por mais praia,

cidade é cidade. E quando estamos dentro dela com um destino marcado rumo à natureza, só apetece sair de lá o mais depressa possível.

Antes de nos metermos na estrada que galga a serra santacatarinense, há tempo ainda para recuar no tempo, sair de um sítio sem sair de lá. Chegar à pequena vila de S. António de Lisboa (na Baía Norte da ilha) é chegar aos Açores em ponto pequeno, há muitos anos atrás. Não é difícil perceber isso. Basta olhar em volta para as ruínas, para o casário, para as flores e, sobretudo, para as janelas em guilhotina com fiadas de vidros pequenos. À medida que dizemos adeus à urbe, pelo vidro da "van" (carrinha, presença incontornável no turismo do Brasil) vamos regalando a vista com fachadas de lojas térreas pintadas com cores impossíveis e dizeres naquela letra gorda e redondinha muito brasileira. Os nomes são um achado. Ficou-me o de uma loja de roupa para criança: "Mané Lélé".

Agora, a cidade está no retrovisor. Aldo, o motorista, tenta desanuviar o efeito das curvas e contra-curvas com um electro-tecno-gaúcho-

pinba, onde Vanderlei Rodrigo, com muitos sintetizadores à mistura, se queixa da choradeira permanente da mulher. Muitas "lágrimas" depois - as distâncias no Brasil nunca são o que parecem -, já noite cerrada, surgem, no meio do nada, dezenas de luzes reflectidas num pequeno lago. É o hotel Rio do Rastro, o "eco-resort" onde recuperamos da viagem e damos descanso aos ouvidos.

Pelo sorriso genuíno de Ivan, o nosso anfitrião, percebe-se que estamos no sítio certo para a primeira aventura a cavalo nos planaltos da Serra do Rio do Rastro. Surgem então esses homens do Sul de tez queimada e ar de duros. Vestem a rigor com bombachas (calças largas de montar) e lenço ao pescoço. Nas costas, enfiada no cinto, uma faca, companheira inseparável dos gaúchos.

"Tio" Anastácio, o gaúcho ancião, lidera o grupo que nos acompanhará no passeio. Com ele estão Jorge, o gaúcho bonacheirão que dobra a língua a cada "r", Givanildo, o gaúcho supersónico, e Gilson, seleiro, o gaúcho com mais cara de gaúcho, o homem que conhece os crioulos (cavalo típico da América do Sul, mistura de bicho com motor todo-o-terreno) do Rio do Rastro como ninguém.

"Ó! Esse aí é manso mansinho!", garantia de Gilmar que me dá para as mãos as rédeas de um tobiano, já preparado com um pelego (pele de carneiro) por cima do selim. Aos



Cavalar

Brasil adentro

Uma semana a cavalar por dois estados do sul do Brasil. Pela serra em Santa Catarina, pela planície e nas margens de lagos e na praia em Rio Grande do Sul. Foi esta a experiência vivida por **Sérgio B. Gomes** (texto e fotos), que a recomenda vivamente